

FRONTEIRAS DA INDEPENDÊNCIA: A POLÍTICA EXTERNA DE JÂNIO QUADROS E OS DITOS NÃO-ALINHADOS A PARTIR DOS PERIÓDICOS ÚLTIMA HORA E TRIBUNA DA IMPRENSA (1961)¹

MATEUS JOSÉ DA SILVA SANTOS¹;
; CHARLES PEREIRA PENNAFORTE²

¹ Universidade Federal de Pelotas – mateus_santos29@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – charlespennaforte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em 30 de maio de 1961, as edições de *Última Hora* e a *Tribuna da Imprensa* repercutiram a decisão do governo Jânio Quadros em enviar um diplomata brasileiro, na condição de observador, a Reunião de Preparação para a I Conferência dos Não-Alinhados, no Cairo. Após semanas de especulações e esforços acerca da identificação da posição do Palácio do Planalto e do Itamaraty em relação a tal tema, os periódicos em questão atribuíram diferentes sentidos diante do mesmo episódio.

No jornal de Samuel Wainer, além da reprodução de uma nota oficial sobre o tema, a posição brasileira seria avaliada à luz de considerações mais gerais sobre o desenvolvimento da Política Externa no governo Jânio Quadros. Identificado com as perspectivas trabalhistas e desenvolvimentistas, *Última Hora* se viria no paradoxo entre a demarcação de uma oposição à condução das agendas relacionadas à política doméstica e a demonstração de simpatia frente às mudanças promovidas no campo da Política Externa. Tal aproximação, porém, não ocorria de forma acrítica. No interior de um processo de afirmação consciente de apoio às movimentações autonomistas da PEB, episódios como a participação na Reunião do Cairo demonstravam as expectativas acerca da construção de uma inserção externa sólida, com enfoque para um papel mais assertivo do país no cenário global. Diante disso, o recuo no caráter da representação brasileira no Cairo foi visto como uma espécie de derrota tática do Brasil, pensada dentro dos esforços de afirmação de uma liderança regional. Estabelecendo um princípio de comparação com as movimentações da diplomacia mexicana, um texto de opinião chamaria atenção para a necessidade de maior consistência para a PEI:

Estamos inclinados a acreditar que, sejam quais forem os aspectos inevitavelmente positivos na política externa brasileira, ela ainda não se reveste de suficiente clareza nas grandes linhas para exercer esta missão de liderança (EMULAÇÃO..., 1961, p. 06).

Considerando como um possível desacerto da diplomacia em rebaixar a presença do país na Reunião dos Não-Alinhados, a posição expressa por *Última Hora* evidenciava os limites existentes acerca de uma concepção enraizada em parte dos estudos da PEI acerca de seu caráter supostamente instrumental no âmbito da política doméstica. Longe de produzir uma acomodação em relação aos segmentos nacionalistas que estiveram distantes de Jânio Quadros nas eleições de 1960, os rumos da Política Externa de seu governo foram marcados pelo desenvolvimento de um intenso e heterogêneo debate político e intelectual sobre o passado, o presente e o futuro da inserção internacional brasileira,

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

reunindo diferentes perspectivas acerca do lugar a ser ocupado pelo país na arquitetura política global (MANZUR, 2009).

Em relação ao jornal de Carlos Lacerda, a cobertura sobre a decisão brasileira em encaminhar apenas um observador ao Cairo foi caracterizada por um misto de desconfiança e alívio. Após um princípio de inquietação quanto à posição brasileira, o episódio final acerca do processo decisório foi aparentemente bem recebido por parte do periódico carioca:

Ao contrário, enviando um ‘observador’ à reunião preparatória, o Brasil demonstra sua disposição de adotar uma ‘política independente’, sem chegar ao extremo – inexistindo ambiente ou clima para isto – de fugir ao bloco ocidental. Caracteriza, sim, uma aproximação com os países da chamada ‘Terceira Força’, dos quais poderá adotar eventualmente os pontos-de-vista, mesmo contrariando a sua tradicional política de apoio às iniciativas norte-americanas (BRASIL..., 1961, p.08).

No reconhecimento entre uma relativa fronteira envolvendo um conceito de política externa independente e o Não-Alinhamento, o envio de um observador se traduziu em uma espécie de demonstração dos limites do discurso autonomista da PEI, reunindo ações que, mesmo na perspectiva de ampliação da ação externa do país, não ultrapassariam as fronteiras geopolíticas definidas a partir da compreensão do conflito Leste-Oeste como um marco definidor das relações externas de um Estado associado ao bloco capitalista. Contudo, o que parecia ser um princípio de acomodação frente à decisão empreendida pelo Brasil se transformou em objeto de crítica. Dias após, em 2 de junho de 1961, um editorial externaria diversas críticas quanto aos rumos da PEI, classificando, dentre outras coisas, a posição do país em ir ao Cairo como a expressão de uma postura subordinada aos interesses do Egito e da Iugoslávia (A DESASTROSA..., 1961).

No jogo entre expectativa e incerteza, apoio e desconfiança, cobrança e oposição, *A Tribuna da Imprensa* e *Última Hora* se tornariam atores integrantes de uma atmosfera conflituosa sobre a Política Externa, incidindo diretamente no processo de produção de sentidos acerca de diferentes iniciativas pensadas e/ou executadas ao longo do governo Jânio Quadros. Dentro dessa perspectiva, esta comunicação analisa as diferentes relações estabelecidas pelos periódicos citados frente a PEI, com destaque para as controvérsias sobre a participação brasileira na Reunião do Cairo. Enquanto dois expoentes da chamada imprensa em transição, tais jornais assumiram a condição de sujeitos e, ao mesmo tempo, objetos num quadro de acirramento da luta político-social no país, evidenciando o caráter estratégico da Política Externa no contexto de uma sociedade em transformação. A partir das edições publicadas entre maio de 1961 e 5 de junho do mesmo ano, data de início da Reunião do Cairo, avalia-se as diferentes formas de interação dos periódicos com o movimento de aproximação cautelosa entre o Brasil e os ditos Não-Alinhados. Argumenta-se que, apesar de situados em lados opostos no ambiente de conflitos, tais jornais produziram sentidos distintos sobre o mesmo episódio a partir de um denominador comum: o reconhecimento das fronteiras possíveis entre uma política externa autoproclamada como independente e o Não-Alinhamento enquanto um tipo de inserção internacional.

2. METODOLOGIA

No reconhecimento do processo de produção de sentidos a partir de dois periódicos da chamada Imprensa em Transição no cenário carioca, propõe-se uma abordagem cruzada envolvendo a História da Política Externa Brasileira, a

História da Experiência Democrática (1945-1964), a História da Imprensa e alguns pressupostos da chamada Nova História Política, além de mecanismos vinculados à chamada História Comparada.

Observada enquanto um conjunto de princípios e ações dentro dos esforços de mundialização e multilateralização da PEB, a Política Externa Independente correspondeu a um “projeto coerente, articulado e sistemático visando transformar a atuação internacional do Brasil” (VIZENTINI, 2004, p.245). Envolvendo diferentes eixos como a busca por novos mercados externos, a defesa da autodeterminação dos povos, do desenvolvimento e do desarmamento, a trajetória de formulação e implementação da PEI ao longo dos últimos anos da Experiência Democrática seria marcada pelas tensões envolvendo a sua afirmação enquanto um movimento autonomista sem a promoção de uma ruptura na posição geopolítica do Brasil no contexto da Guerra Fria e uma alteração na natureza da inserção internacional a partir da sua aproximação com premissas do chamado Não-Alinhamento. Na literatura sobre o tema, os meses que constituíram o curto governo Jânio Quadros foram encarados sob a ótica do desenvolvimento de uma espécie de neutralismo tático (VIZENTINI, 2004; LIGIERO, 2011), isto é, o reconhecimento de características comuns entre a PEI e um tipo de inserção internacional autonomista que emergira no seio do Terceiro Mundo ao longo dos anos 1950. Constituindo uma agenda sensível em meio ao debate político-intelectual sobre Política Externa nos tempos de Jânio, tal questão se transformaria em uma espécie de fronteira geopolítica nos esforços de ampliação da ação externa do Brasil. Na dinâmica envolvendo a produção de limites e, ao mesmo tempo, possibilidades de diálogo (PESAVENTO, 2001), o sentido fronteiro das relações entre a diplomacia brasileira e os ditos Não-Alinhados assumiria um complexo contorno envolvendo a possibilidade de renegociação de sua posição no interior da aliança com o Mundo Ocidental e a elevação da margem de manobra externa a partir do reconhecimento de agendas de interesse compartilhado com os ditos Não-Alinhados.

Compreendendo um conjunto de transformações de natureza técnica e gráfica, redefinindo as relações entre a imprensa e a sociedade, o conceito de imprensa em transição diz respeito a um processo de modernização multifacetado iniciado no Pós-Guerra (ABREU, 2008). Enquanto expoentes desse movimento, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora* se tornaram intérpretes importantes de um tipo de jornalismo com forte atuação política nos tempos da Experiência Democrática. Fundado em 1949 por Carlos Lacerda, o primeiro periódico se notabilizaria pela vinculação de “teses antinacionalistas e antipopulares” (MENDONÇA, 2002, p.102). Fortemente influenciado pelo seu proprietário até 1961, o periódico se destacaria no seio das oposições antivarguistas e em outros contextos como a crise envolvendo a eleição presidencial de JK em 1955. Em relação ao segundo, sua “grande penetração e influência na opinião pública” (ABREU, 2008, p.113), além de sua intensa participação em diversos episódios da vida política brasileira ao longo dos anos 1950 e 1960 cristalizou sua importância entre os veículos de imprensa aproximados das teses nacionalistas.

Enquanto “linguagem constitutiva do social” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258), o estudo das relações entre a Imprensa em Transição e o ambiente de formulação e implementação da PEI incide sobre o processo de produção de sentidos acerca das ações envolvendo a política pública, compreendendo as mais diferentes interações entre Estado, governo e sociedade. A partir da chamada Análise do Discurso, busca-se investigar as diferentes relações estabelecidas entre a língua, o discurso e a ideologia (ORLANDI, 2012), reconhecendo as

diferentes formas manifestações envolvendo a produção de sentidos sobre uma das agendas mais controversas envolvendo a PEI em seus primeiros anos de existência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa, ainda em andamento, se notabilizou pela intensificação nas investigações sobre o jornal *Última Hora*, num intenso processo de leitura e seleção de textos sobre o tema. Os primeiros resultados serão publicados em artigo a ser divulgado junto aos Anais do I Seminário Discente de Ciência Política (PPGCPol-UFPEL).

4. CONCLUSÕES

Na materialização de um processo de aproximação cautelosa entre o Brasil e os ditos Não-Alinhados, as expectativas e controvérsias envolvendo a possível participação do país na Reunião do Cairo alimentou diferentes debates sobre o presente e o futuro da PEB nos tempos do governo Jânio Quadros. Em meio a um processo de produção de sentidos envolvendo uma avaliação acerca da natureza da PEI e, mais especificamente, as possibilidades e os limites na interação com um movimento peculiar de revisão da ordem internacional, o apoio consciente e qualificado ofertado pelo *Última Hora* e as desconfianças alimentadas a partir da *Tribuna da Imprensa* ilustram o caráter multifacetado nos debates sobre a Política Externa do governo Jânio Quadros, objeto de dissenso entre diferentes atores interessados pelos rumos da inserção internacional do país. A pesquisa em curso reforça a importância de um olhar acerca das interações entre a diplomacia, a política externa e sociedade nos anos finais da Experiência Democrática Brasileira, refletindo num quadro de disputa pública acerca da posição do país na arquitetura global.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- A DESASTROSA política internacional do Brasil. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 2 jun.1961, p.4.
- BRASIL vai ao Cairo mas como observador. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 30 mai. 1961, p.08.
- CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. In: **Projeto História**, São Paulo, nº35, p.253-270, dez. 2007.
- EMULAÇÃO Brasil – México. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 30 mai. 1961, p.06.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- LIGIERO, Luiz Fernando. A Política Externa Independente (1961-1964). In: _____. **A autonomia na política externa brasileira: a política externa independente e o pragmatismo responsável: momentos diferentes e políticas semelhantes?** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. São Paulo: Códex, 2002.
- MANZUR, Tânia Maria Pechir Gomes. **Opinião Pública e Política Exterior do Brasil (1961-1964)**. Curitiba: Juruá, 2009
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Relações Exteriores do Brasil (1945-1964): o nacionalismo e a política externa independente**. Petrópolis: Vozes, 2004